

## VOLUME 1

1840 – 1841

### INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Minha vida desde 2 de dezembro de 1840 até 1841 no mesmo dia.

Às cinco da manhã os tiros já ribombavam pelos montes de S. Cristóvão e as bandeiras hasteadas tremulavam no azulado céu; eram estes os indícios do dia do meu nascimento, 2 de dezembro, dia memorável nas páginas da história do Brasil.

Às seis levantei-me; chamam-me à mesa para meditar sobre as mercês <sup>001</sup> a fim de ver se eram ou não justas.

Depois almocei o meu costumado: ovos e café com leite, aprazível bebida; às 8 para as nove ouvi missa no novo oratório, que na verdade ficou bom. Fui me vestir, coitados de meus ombros gemiam com o peso, tem 8 libras, afora as ordens, a espada e a banda, safá! Às dez e meia em ponto parti para a cidade, o estado <sup>002</sup> compunha-se de 7 coches. O do porteiro da Cana <sup>003</sup> adiante, 2 o dos camaristas <sup>004</sup>, 3 o do estribeiro-mor <sup>005</sup>, 4 o das manas, 5 o meu, 6 o do estado, 7 o das damas; levamos uma hora certa, muitos vivas tive todos para mim.

Passei por baixo dos arcos que estavam em caminho, o de Mata-porcós <sup>006</sup>, as laranjas iluminadas da Ponte dos Marinheiros, a iluminação do Rocio Pequeno <sup>007</sup> assaz bonita, o do fim da rua de S. Pedro <sup>008</sup> da cidade nova, o do princípio da cidade velha, o do Largo do Capim <sup>009</sup>, e o da rua Direita <sup>010</sup>.

Chegando ao Paço descansei um pouco, depois fui para o Te Deum, grandezinho, mas suportável por ser composto por meu pai, houve muita gente, muitos criados que vinham a petiscar honras.

Já a tropa estava em ordem e de bandeiras desenroladas; quando cheguei à janela tocaram o Hino Nacional, que acenando mandei parar. Depois a trombeta tocou o seu clarim, que outrora me era tão terrível; principiaram os tiros de artilharia, que antigamente até me faziam verter lágrimas de terror.

Acabadas as descargas o comandante mandando tirar as barretinas disse: Viva S. M. I. o Sr. Dom Pedro II, Vivam Suas Altezas, Viva a Constituição, ao que todos responderam com unânime aclamação, tendo passado em continência fui para o beija-mão. O Rouen <sup>011</sup> como decano recitou uma breve alocução ao que eu respondi: “Je remercie beaucoup au Corps diplomatique les sentiments [*falta parte do papel*] qu’il exprime au nom de leurs souverains”. “Agradeço muito ao Corpo Diplomático os sentimentos que ele exprime em nome de seus soberanos”. O cortejo foi grande, teve 560 pessoas fora o corpo diplomático, a parede esteve tão cheia, que foi preciso que as Excelências se metessem pelos vãos das janelas. Brilhante corte. Apareceu a lista dos despachos, que graças a Deus agradou aos homens sensatos. Pela fidelidade e amor com que me têm servido Vahia <sup>012</sup> e Brant <sup>013</sup> nomeei o primeiro, conde com grandeza de Sarapuy, ao segundo de Iguassu.

Fui para cima, despi-me, descansei, depois fui jantar quase às três para 4. Depois do jantar tomei café, um cálice de licor e joguei alguma coisa (não pensem que foi com cartas). À tardezinha vesti-me e às sete e  $\frac{3}{4}$  parti para o teatro, depois de tocar a sinfonia ouvi bater palmas num camarote, disse cá comigo: “Lá vai verso”, eis que me dou ao trabalho de transcrevê-los, refiro-me ao mesmo jornal, foram outros piores, enfim foram os últimos péssimos. Depois de longo intervalo e desafinadas ouvertures, apareceram os Dois Renegados, drama de Engenho, mas muito mal executado pois devendo uma pessoa cantar lá dentro a fim de parecer que a Ludovina desengraçada Isabel cantava, foi ela mesma que tocou na harpa e cantou com um tom áspero, nunca vi harpa como esta nem mesmo as dos pretendentes. Acabada a peça, dormindo fui para casa, dormindo me despi e dormindo me deitei, agora façam-me o favor de me deixarem dormir, estou muito cansado, não é pequena a maçada!

**3 de dezembro de 1840** - Levantei-me às seis horas. Estudei e li, às 7  $\frac{3}{4}$  almocei, e por sinal bem, era dia santo, ouvi missa. Depois li bastante, tomei banho, jantei. De tarde depois do jantar diverti-me com o meu jogo ordinário, e dei ordem ao Antônio Pedro que o estado estivesse aqui às 7  $\frac{1}{2}$ , a caleça sem capuz, às 7  $\frac{1}{2}$  com efeito parti para ver as luminárias; foram estas as que percorri.

Mata-porcós, Rocio Pequeno, Campo, Campo de Santana, Quartel da Cavalaria, Cada Secretaria de Guerra, Largo do Capim, rua Direita, Arsenal da Marinha, Barbonos <sup>014</sup>.

O 1º não esteve mão em quanto ao arco, mas a iluminação adjunta nada prestava, porém eu e minhas manas sobre um rochedo e meu pai e minha mãe por entre as nuvens abençoando-nos com os braços estendidos à maneira de quatro paus e muito mal pintados, o dístico em verso não me lembro.

O 2º, o do Rocio Pequeno, não esteve feia a iluminação a modo de jardim com um templo no centro, o que dispensava era o meu retrato que estava mal tirado, faltava-lhe uma coisa principal, que era a música.

O 3º, o fim da Rua de São Pedro da Cidade Nova, foi de todos o que mais estava bem iluminado e menos sobrecarregado de tantos ornamentos, até o dístico em latim era bem feito, um hexâmetro e um pentâmetro <sup>015</sup>.

H

TE GAUDET GREMIO GENUISE BRASILIA PETRE

P

ALMASALUS NOBIS LUCIDUS

ISTE

DIES

4º do fim do Campo, assim assim.

5º do quartel de Cavalaria não esteve feio, chegando ali fui ao Coronel da Companhia e toda a oficialidade vieram me beijar a mão e depois o Coronel pediu-me licença para que recitassem, os quais por estar muito rouco não recitou, deu-os a um sargento que os leu com ênfase demais, acabado que foram estes o Coronel por três vezes gritou: “Viva o Imperador”, ao que o povo correspondeu unanimemente.

6º da Secretaria da Guerra esteve bom.

7º do Largo do Capim da mesma forma.

8º da Rua Direita bem bonito, muito bem pintado.

9º do Arsenal da Marinha bom.

10º do Quartel dos Barbonos. Às dez e meia recolhi-me a casa.

**Dia 4 de dezembro de 1840 – 6ª feira** - Levantei-me às horas do costume, e estudei o meu endiabrado grego e a minha meditação e árida língua, almocei, senti-me um pouco doente dos olhos, o que me impediu de dar lição; o Tomás <sup>016</sup> leu-me a vida dos ilustres contemporâneos, jantei, estive no quarto das manas Francisca e Januária. À tarde joguei. Sendo 7 horas parti para o Arsenal de Guerra. Eis-me chegado, tenho muito que falar se minha débil perna e fraco entendimento a tanto chegue.

Era pois noite serena e as cintilantes brilhavam com todo esplendor na abóbada azulada do firmamento, cálida, abafava. Aproximei-me a janela e vi que arquibancadas que quase chegavam às janelas estavam apinhadas de mulheres, bem como a sala em que estava. Pensei ser uma grande festa, enganei-me. Apareceram-me 2 turmas de rapazes dançarolando [*sic*], cingidos de coroas e presos por grinaldas. Diversas figuras fizeram, mas algum tanto fastidiosas. Já Morfeu lançava sobre mim suas [*falta um pedaço do papel*] dormideiras, quando me aparece uma dança de velho, um passeio e basta. Depois uma dança de chins, uma dança de macacos, de bugios.

Acabada esta uma menina ou menino subiu sobre uma espécie de pira, recitou um intersectado [*sic*] discurso.

Graças a Deus finda está a maçada! Vou ceiar. Porém logo depois volto para casa e sossegado durmo até ao outro dia, sábado.

**5 de dezembro de 1840 – Sábado** - Fui à Glória, ouvi missa, fui para o Paço almoçar. Findo este descansei. Às 11hs fui para o despacho, quem primeiro foi o Limpo <sup>017</sup> que apresentou diversos decretos. Esperamos algum tanto por Antônio Carlos <sup>018</sup> quem depois falou, trouxe-me diversos decretos e cartas e um requerimento pedindo ser reintegrado nos direitos de cidadão Brasileiro, os quais lhe foram tirados injustamente, alegando-se o pretexto de ter ele aceitado condecorações estrangeiras sem licença do governo, ele disse que era falso este pretexto, porquanto nas instituições que lhe deu meu pai enviando-o para Cortes estrangeiras dizia que tinha permissão de aceitar quaisquer ordens estrangeiras.

Houve grande debate no Conselho. O Sr. Antônio opinou que ele pronto estaria a conceder-lho, que ele era um dos perseguidos pelo governo de então.

**23 de julho de 1842** - Antes das 8 horas da manhã, estando almoçando [sic], recebo uma carta de José Clemente <sup>019</sup>, abro-a e leio, com alguma admiração, parte da chegada de Luís Alves de Lima <sup>020</sup>, de Aguiar <sup>021</sup> e outros, dada pelo comandante da fortaleza de Villegaignon.

Depois de levantar-me da mesa, descansei para poder, com proveito, ouvir ler, por Mr. Sigaud <sup>022</sup>, algumas páginas da agradável obra de Victor Hugo, intitulada “Le Rhin”, que deixei para ir conversar com Paulo Barbosa da Silva <sup>023</sup>.

Entrando pela porta da secretaria da minha casa perguntei ao mordomo: – Quantos pés tem de fundo o Colégio do Anjo Custódio <sup>024</sup>?

Mordomo: “ Não sei, Meu Senhor”.

Eu: “ Assente-se”, e eu me assentei.

Vai começar a conversa que, para maior clareza, ponho em diálogo.

Mordomo: “Vossa Majestade é admirado por sua perseverança”.

Eu: “Sem a qual nada se faz”.

Mordomo: “O seu segredismo [sic]”...

Eu: “Alguns quando me viram triste há tempo, ficaram pesarosos”.

Mordomo: “Eu fiquei muito abatido”.

Eu: “Pensaram que eu tinha desanimado; não desanimei, nem tinha motivo para melancolia; era como um ataque de hipocondria <sup>025</sup>”.

Mordomo: “Em certa idade até chorava, nada havia de agrado no mundo”.

Eu: “Julgo que todos os soberanos devem ser algum tanto melancólicos, porque quase sempre são chamados a meditar”.

Mordomo: “O que eu não acho bom em Vossa Majestade é sua nimia bondade; o castigo é às vezes indispensável”.

Eu: “Chamo-o para o [ilegível]”...

Olhei para o relógio e vendo que as onze vinham levantei-me, andei, subi ao quarto de minha cama, vesti-me, desci por volta das onze, fui aos quartos das manas, conduzi-as à escada, embarcaram no seu coche com a camareira-mor e eu no meu, e o estado partiu.

A ida moeu-me, pois iam os cavalos a passo, e eu sentindo, sem perder um, todos os balanços, ainda que não muito ásperos, da rica estufa, que veio da Inglaterra <sup>026</sup>.

Graças a Deus, chegou o estado ao Paço da cidade, e a Corte me esperava. Depois de breve intervalo, com a Corte adiante, baixei à capela, onde assisti a um Te Deum entoado pelo vagarosíssimo, em lugar de Reverendíssimo, Bispo capelão-mor <sup>027</sup>. [Papel rasgado], rezo, ajoelho-me, canta-se tantum-ergo, apresenta o príncipe da Igreja o adorado Corpo de Cristo e eu atrás do capelão-mor me retiro.

Ao fazer-me encontradiço com minhas irmãs, aparece o barão de Caxias, que depois de beijar a minha mão e as das manas, se mete na Corte, onde encontra apertos de mão [papel rasgado] e outros sinais de prazer em [papel rasgado] ver.

Que velho é aquele que secamente trata o pacificador de São Paulo? O marquês de Paranaguá <sup>028</sup>, que muito se sentiu de ter o barão de Caxias vindo ao Rio de Janeiro.

José Clemente com seus passos curtos aproxima-se e me diz: “Será bom que Vossa Majestade convide Caxias para jantar”, ao que respondi, de muito boa vontade que sim. [ilegível] a Sala do Trono [ilegível] a José Clemente a que chama Paulo, a quem ordenei que convidasse a jantar o Caxias, o qual antes tinha nomeado meu ajudante de Ordens <sup>029</sup>. Agradecimento de Caxias; os Ministros começam a falar com ele; apareço à janela, [papel rasgado] G.N. me apresentam as armas, o que agradeço dando com o chapéu.

O clarim soa, o corpo de artilharia põe-se em movimento e dão-se 21 tiros de canhão, os quais são seguidos por descarga de espingardas. Toca-se o hino nacional. Depois de outras duas descargas, o comandante da Guarda Nacional manda tirar as barretinas e dá vivas a mim, às manas e à Constituição do Império, os quais acabados, passa a Guarda Nacional em continência, subo com as manas ao Trono, a Corte toma seu lugar e S. Martinho, misantropo, apresenta-me, falando tão baixo, que não percebi palavra, os oficiais de um navio?

Chega o tempo de fazer vir o corpo diplomático, apronto-me, aparece Bayard <sup>030</sup> à frente, e eu lhe respondo “Est ce jour tout national. Je remercie beaucoup au Corps diplomatique les expressions de ses sentiments”.

Quanto me custa um cortejo! Como mói! Mas me é sinal da gratidão de meus amados súditos; devo recebê-los com boa cara.

Começa um, dois, três, [*papel rasgado*] parece que não tem cauda, sim tem, já vejo é a deputação do Instituto <sup>031</sup>; cujo orador o cônego Januário <sup>032</sup>, que no seu longo [*sic*] exprime um pensamento que me agrada; este “Escavando a base do Trono de Vossa Majestade vêem a solidez sua”; alude aos maus súditos. Respondi “Agradáveis me são os sentimentos do Instituto Amigo dos livros, os protegerei sempre”.

Mal podendo comigo de cansado, depois de dar a mão para que a Corte a beije, fui me assentar na sala de despachos, aonde, conversando com meus Ministros veio dizer Paulo que aí estava Ribeiro <sup>033</sup>, disseram: “O tratado de casamento”. Que boa nova, que feliz coincidência!

O ministro dos Negócios Estrangeiros saiu, e daí a pouco voltou com officios de Bento da Silva Lisboa <sup>034</sup>, e o retrato de minha futura esposa, que é muito bela, e dizem alguns diários da Europa, muito ponderada e instruída. Abriram, e deu-me Aureliano <sup>035</sup> o tratado de casamento, Meu com a irmã do rei das duas Sicílias Thereza Maria Christina. Todos nós, eu, e meu ministro, fomos alegres jantar, findo o qual subi a meu quarto a largar o enorme peso que trazia.

Sinto alguém subir a escada, é Cândido <sup>036</sup>, que me pede licença para publicar, tão fausto acontecimento, a qual, depois de alguma hesitação, dou.

Os semanários <sup>037</sup> beijam-me a mão e vêm depois felicitar-me os criados que tinham ficado, menos o barão de Caxias.

Das mãos de Aureliano tomo o retrato e corro ao quarto da mana Januária, elas já sabiam, mostrei-lhes o retrato, de que gostaram muito.

O barão de Caxias beija-me a mão pelos dois motivos.

Passado o resto da tarde com os semanários. Às oito e tanto da noite, apareci na tribuna do Teatro Grande, o povo e o Juiz Municipal deram vivas, e foram acompanhados. O hino rompeu, levantou-se o pano, iam os atores começar a representação, quando de um camarote se ouviram palmas, e um moço recitou mal uma poesia, que talvez não fosse má.

A comédia ou drama intitulava-se “Os Incendiários”, e a dança, que chamaram baile anacreôntico, talvez por ser amoroso, “Amor protege amor”: foi tempo perdido.